

Lip Sync For Your Life: Uma Discussão Jornalística Sobre Drag Queens¹

Talita Ferreira dos SANTOS²
Alexsandro Teixeira RIBEIRO³
Centro Universitário Internacional - UNINTER

RESUMO

O presente artigo aborda questões a respeito do universo das *drags queens*, esta forma de expressão artística que frequentemente tem aparecido nos variados meios de comunicação. A sua popularidade, muitas vezes, é motivo de curiosidade e desorientação por parte do público. Em observação a isso, surgiu a necessidade de analisar mais a fundo sobre o *drag* e ir além, mostrar a rotina das artistas, contar suas histórias e apresentar de forma correta como se desdobram as suas apresentações. Ao mesmo tempo que ocorre esta análise, também iremos visualizar a respeito de como o jornalismo e os meios de comunicação, se portam perante a ascensão dessa nova prática artística.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; cultura; drag; expressão artística; jornalismo.

1 INTRODUÇÃO

A liberdade, como um direito, é uma aspiração que reside como busca permanente no coração das pessoas. A maneira como este direito foi exercitado na história atual e passada está diretamente relacionada com as conquistas da cidadania, conceito este intrinsecamente ligado ao conceito de liberdade. Dentre as lutas históricas do ser humano por liberdade desenvolveremos, neste trabalho, o que vem a ser o seu tema central: a liberdade artística e o papel da mídia quanto ao seu dever de informar.

Determinadas expressões artísticas, como artes plásticas, literária e musical, gozam de ampla liberdade, não estando sujeitas a qualquer restrição por parte do estado. Contudo, algumas expressões artísticas que tangenciam temas tais como gênero e sexualidade passam por certas formas de controle estatal, social e da própria mídia. Os comportamentos artísticos de atrizes e atores *drag queens* fazem parte deste contexto. As

1 Trabalho apresentado no II do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

2 Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UNINTER, e-mail: talita.ferdsan@gmail.com.

3 Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UNINTER, e-mail: alexsandro.r@uninter.com.

questões relacionadas a gênero e sexualidade costumam trazer uma série de polêmicas, como podemos observar frequentemente nos noticiários. A filósofa norte-americana Judith Butler (2008), no seu livro “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”, propõe uma reformulação na noção de construção no que diz respeito às relações de gênero. Segundo ela, o gênero não é uma categoria fixa, uma essência, mas uma categoria fluida, demonstrada naquilo que as pessoas fazem, e não no que elas são. Para Butler, o gênero é uma construção social que se realiza culturalmente e o sexo está na natureza, como a característica física que dividem homens e mulheres.

Essa distinção sexo/gênero já tinha sido defendida em 1949 por Simone de Beauvoir (2004), para quem uma série de significados culturais são inscritos sobre um corpo sexuado, daí sua afirmação que ninguém nasce mulher, mas torna-se mulher. Para Letícia Lanz, “transgêneros são mulheres e homens com identidade de gênero em discordância com o sexo da certidão de nascimento, escolhido pela aparência dos genitais externos”. (LANZ, 2014, p. 27).

A chamada cultura tradicional dominante, vez ou outra depara-se com movimentos de contracultura, expressões artísticas tidas como marginais que entram em conflito ou confronto com aqueles que reivindicam a superioridade dos valores morais que os representa. Manifestações culturais marginais resistem ao negar a padronização de qualquer forma de arte e confirma o direito de ser diferente. A abordagem que este trabalho traz, evidencia que os movimentos culturais alternativos outrora estigmatizados possuem, hoje, maior aceitação quanto mais contestadores e provocadores possam ser.

Entretanto, mesmo nos tempos atuais que permitem uma maior liberdade de expressão nas mídias tradicionais como a televisão, ainda são frequentes as censuras invisíveis. Estas impõem restrições aos programas de tv e outras mídias, mas de maneira manipulada e oculta. Podem ser censuras econômicas, através da retirada de suporte dos anunciantes que pagam pela publicidade, pelo Estado que garante ou não a condição de veiculação do programa, ou ainda a censura política e também a autocensura.

É verdade que há intervenções políticas, um controle político[...] é verdade também que[...] a propensão ao conformismo político é maior. As pessoas se conformam por uma forma consciente ou inconsciente de autocensura, sem que haja necessidade de chamar sua atenção. (BOURDIEU, 1997, p. 19).

Mas, como dito acima, atuações artísticas antes marginalizadas vêm crescendo em aceitação em outras mídias, como a internet, por exemplo, e um dos quesitos que

poderiam ter contribuído para a aceitação do público para com as *drags* é o próprio estilo musical, o pop. Um exemplo disto é a opinião dos autores Monteiro & Soares (2013), que falam em seu trabalho sobre uma homenagem que várias *drags* fizeram para a cantora Madonna durante uma premiação na MTV americana. As *drags* realizaram um verdadeiro desfile usando trajes que marcaram a carreira musical da cantora, como o vestido utilizado no vídeo Material Girl e vários outros.

Esse desfile do conjunto da obra imagética de Madonna ajuda a entender que “as imagens criadas por Madonna e sua recepção esclarecem o caráter de construto social da identidade, da moda e da sexualidade” (KELLNER, 2001, p. 335), e também desconstruem os paradigmas instalados pela sociedade conservadora, já que quem estava vestindo as roupas não eram mulheres, mas homens que subverteram a “ordem natural das coisas” e se apertaram dentro de vestidos e sapatos de salto para homenagear uma artista que admiram. (MONTEIRO & SOARES, 2013, p. 6).

Além da música, a plataforma online YouTube auxiliou na divulgação da *drag*. Alguns dos canais mais conhecidos são os das *drag queens* Rebecca Foxx, que possui cerca de 60.233 inscritos no canal; Penelopy Jean com 59.329 inscritos; Sarah Vika, que contém 17.618 inscritos; Halessia Rockefeller, com 7.500 inscritos e La Belle Drag, com 6.708 inscritos no YouTube. Nestes canais, os assuntos mais abordados são exposições do dia-dia das artistas, dicas de maquiagem, performances que desempenham, alguns temas relacionados à comunidade LGBT⁴ e cultura pop, mas as principais características dos vídeos, de uma forma geral, seguem o padrão dos tutoriais de maquiagem. Outro padrão também observado nos canais que falam sobre *drag* é a duração dos programas, no geral, possuem um tempo de sete a quinze minutos, podendo exceder ainda mais este tempo.

O mundo *drag* traz temas carregados de teor social e, por ser uma arte emancipada dos padrões sociais definidos como corretos, é revolucionária dos costumes. Portanto, é necessário verificar como esses impactos são percebidos pelo jornalismo. É importante social e politicamente que o jornalismo se interesse por este movimento artístico pois, além de suas contribuições na música, no teatro, na moda, nas gírias e na estética como um todo, também luta por uma forma de representatividade. A arte *drag* é, sem dúvida, um movimento não só artístico, mas político, na medida em que favorece a autonomia artística, a democracia e a inclusão.

⁴

[1] Atualmente a sigla correta é LGBTQIAP+.

2 DRAG QUEEN

A *drag* é frequentemente confundida com outros termos como a “travesti” e o “transformista”, por exemplo. As *drag queens* são representações exageradas do feminino, elas performam utilizando vestimentas e maquiagens bem expressivas e geralmente podem ser vistas em apresentações em eventos. “Dragqueens também se vestem como mulher apenas em eventos rituais, mas essa mulher é caricatural e, muitas vezes, deixam escapar, propositadamente, traços masculinos na sua “montagem”. (JAYME, 2002). As travestis fazem uma transição com próteses nos seios mas não fazem a cirurgia de mudança de sexo. “[...] São aqueles que fazem uma intervenção “radical” no corpo, com hormônios ou silicones e possuem esse corpo feminino todo o tempo. Não há reversão”. (JAYME, 2002). E os artistas transformistas se vestem de mulher em eventos também, porém há um esforço para parecer completamente feminino. “Transformistas se vestem como mulher apenas em ocasiões ritualísticas - shows, festas etc. Mas constroem uma mulher perfeita. Se chamam também de “finas”. (JAYME, 2002).

2.1 HISTÓRIA DRAG

A história situa a origem do que viria a ser uma performance *drag* possivelmente na Grécia antiga, no tempo dos performáticos teatros gregos. O poder feminino tinha entrado em declínio frente a ascensão e consolidação do patriarcado. Assim, tendo o homem todo o poder na sociedade, não só sobre as mulheres, as peças eram apenas interpretadas por estes mesmos que, muitas vezes, trajavam roupas femininas para realizar papéis que seriam personagens de mulher. Mas tarde, na Idade Média, a religião católica vem atribuir-lhe, também, papéis, cujo desempenho jamais poderia ser pelas mulheres:

[...] as drags se apresentaram em duas frentes: manifestações em rituais pagãos e personagens trágicos na Grécia. As drags também participavam das peças promovidas pela Igreja Católica, que não tinham muito espaço para as personagens femininas, sendo assim possível que homens pudessem se montar para interpretar essas poucas personagens [...]. (BAKER, 1995 apud SANTOS, 2017, p.7).

Segundo Maria Nazareth A. de Barros, a humanidade, através dos séculos sempre enunciou seu fascínio pelo universo feminino e “sempre vislumbrou na mulher, o que natureza lhe havia negado e, no seu imaginário sempre se manteve cativo das provocações femininas”. (2004, p. 64). Em seu livro, Barros destaca que os elementos que compõem a essência da mulher nunca deixaram de povoar o imaginário popular do homem. Ao longo do tempo sempre houve o desejo por parte de certos homens (héteros ou não) de se vestirem como mulher. O contrário também existe, só que bem mais raro.

Da mesma forma, não há e não deve haver um consenso sobre o termo *Drag Queen*. No seu levantamento histórico, Baker (1995, apud SANTOS, 2017), diz que o termo foi criado e utilizado nas apresentações de peças de teatro de Willian Shakespeare. Significa “*Dressed Like a Girl*”, ou, *vestido como uma garota*, em português. A expressão era utilizada para se referir quando o personagem masculino fazia um papel feminino. Atualmente, a definição de *drag queen* é mais ampla. Ela remete à “uma forma de externalizar o que o indivíduo tem dentro de si de forma artística por meio de um personagem criado”. (SANTOS, 2017, p. 7).

Apesar dos cerceamentos à sua arte, as *drags*, hoje, de uma certa forma, conseguem produzir e exibir seus shows e manifestar sua expressão artística. No Brasil, entretanto, na época da ditadura militar, época de recrudescimento do conservadorismo, os artistas tiveram também que desempenhar um papel político de resistência à censura e denunciando a existência de códigos morais estigmatizantes. Considerados como aqueles que atentam contra a moral e os bons costumes da família tradicional brasileira, as *drags*, os travestis, enfim, a comunidade LGBT (que na época não se representavam por esta sigla) em geral, foram as principais vítimas deste período de extrema censura e impossibilidade de expressão. Quando foi fundado o AI-5, um decreto criado pelo regime militar, o público gay foi altamente perseguido por acreditar-se que seriam os responsáveis por desvirtuar os “cidadãos de bem”.

Não é exagerado afirmar que o AI-5 foi um dos instrumentos legais perpetrados pela Ditadura Militar para conter o que eles consideravam como ‘inimigos da moral e dos bons costumes’, inclusive as travestis. Desta maneira, os principais alvos da censura foram, além da imprensa, as atividades artísticas como o “teatro, o cinema, a tv, o circo, os bailes musicais [e] as apresentações de cantores em casas noturnas” (LOPES, 2016, p. 7).

Nos anos 80, final da ditadura, as pessoas ainda sentiam insegurança devido ao passado recente de censura no país e, portanto, se autocensuravam para agir de forma determinada e que não as fizesse sofrer represálias da sociedade.

Um grupo chamado “Frente de Libertação Gay” lançou o jornal *Come Out* e elegeu a data de 28 de junho como o Dia Internacional do Orgulho Gay, iniciando assim a realização das Paradas do Orgulho Gay [...] No Brasil, esses movimentos começaram a se organizar mais tarde, em meados dos anos 80 e mesmo assim de maneira incipiente por conta da influência que a ditadura militar teve na nossa cultura por duas décadas e à expansão de expressões religiosas contrárias à homossexualidade. (CRETAZ, 2014, p. 3).

Entre vários sinais de resistência durante o tempo de repressão, destacam-se a revista *Lampião da Esquina*⁵ e o grupo *Dzi Croquettes*, este último desempenhou um peso importante para a cultura teatral e dançante do país. O grupo foi criado em 1972, composto apenas de homens que dançavam e cantavam, usando roupas extravagantemente femininas e muita maquiagem carregada, foi precursor com maior projeção da arte *drag* no Brasil. Pode-se empregar também, na abordagem deste grupo, as noções de jogo e de lúdico do sociólogo alemão Johan Huizinga, como um dos componentes conceituais para definir o lado cômico da expressão artística deste grupo.

Os *Dzi Croquettes* representaram como nenhum outro a ironia, o deboche e o lúdico em suas apresentações. Havia todo um jogo de palavras, de gírias que o grupo criou e que são usadas até hoje. Ao criar gírias, o grupo expressava todo um jogo de palavras que os definiam. Brincavam com esta faculdade de forjar papéis e de se comunicar. O lúdico, na verdade, está presente em toda a apresentação *drag*, em qualquer performance, seja ela “mitológica ou não, há um espírito fantasista que joga no extremo limite entre a brincadeira e a seriedade”. (HUIZINGA, 1999, p. 3).

2.2 ORIENTAÇÃO SEXUAL E A IDENTIDADE DE GÊNERO

Apesar de o mundo *drag* estar muito ligado a comunidade LGBT, é preciso entender que nem todas as pessoas que fazem *drag* são gays. Isto porque a *drag* não deixa de ser uma forma de arte independente da orientação sexual ou sexo biológico. A ideia do feminino está muito ligada ao mundo *drag*, tanto que quando alguém faz *drag*, de uma

⁵ A Revista *Lampião da Esquina* foi um veículo muito importante para a representatividade LGBT, publicada entre 1978 e 1981.

forma geral, subentende-se que aquela pessoa é gay, ou ainda que sente vontade de modificar o seu corpo para atingir características natureza femininas ou masculinas. Porém, estas não são verdades absolutas.

A característica biológica, ou o sexo, é a principal determinante para classificar, no momento do nascimento da pessoa, o papel que exercerá na sociedade (quem nasce com pênis é homem, nasce com vagina é mulher). A partir disso, a pessoas nascidas com o sexo masculino ou feminino devem seguir características ou códigos sociais segundo padrões criados, inventados ou pré-estabelecidos no meio social (por exemplo, homem é racional, mulher é emocional).

O termo sexo, também conhecido como sexo biológico ou genital, refere-se essencialmente à genitália que cada indivíduo traz entre as pernas ao nascer [...] Gênero diz respeito às expectativas sociais de desempenho que cada ser humano deve atender tendo em vista o seu sexo genital. O gênero é uma construção social que varia intensamente de cultura para cultura e de época para época. (LANZ, 2014, p. 39).

Conforme é enraizado no contexto histórico da sociedade, o senso comum explica que o gênero é algo natural, ou seja, designado assim que a pessoa nasce, ao verificar o sexo do bebê. Porém, esta ideia é questionada por Butler, que afirma ser justamente o contrário e acaba resultando no que a autora chama de “processo de performatividade”, onde a pessoa se comporta da maneira como a fazer acredita que é o correto ser.

O comportamento “feminino”, por exemplo, não é determinado pelo fato de um indivíduo ter nascido fêmea, ou seja, com uma vagina, elemento corporal que o poder/saber toma como verdadeiro, natural e fundamental. O que ocorre é exatamente o contrário, ou seja, a existência de um comportamento feminino, socialmente sancionado é que determina a existência da fêmea como um “sexo” verdadeiro, natural e fundamental. (BUTLER, 1999 apud LANZ, 2014, p. 54-55).

Além disso, têm-se as questões voltadas a identidade de gênero, que não devem ser conceituadas como o sexo que nasce consigo, mas com a maneira como a pessoa identifica-se. E a orientação sexual, que é ainda mais distinta, refere-se diretamente ao sexo com o qual o indivíduo se relaciona. Por exemplo, um homem que sente atração/desejo por mulher, logo, é heterossexual. Ou, uma mulher que sente atração/desejo por mulher, é homossexual.

No momento em que o indivíduo recebe uma destas “nomenclaturas” (homem ou mulher), deverá se portar como tal (homem age como homem, e mulher como mulher).

Porém, quando este indivíduo não se comporta da maneira que foi “classificado”, segundo seu sexo biológico, poderá sofrer severas represálias da própria sociedade.

Segundo Foucault (1988, p. 9), em seu livro *História da Sexualidade*, no início do século XVII o sexo era tratado e falado de maneira muito mais simplista e aberta. Porém, com o tempo esta época foi deixando de lado esta característica e reservando o sexo apenas a intimidade dos casais corretamente casados e mesmo assim, apenas para fins de reprodução. Com isso, toda forma considerada diferente disto, estava passível de repreensão.

Quanto aos tribunais, podiam condenar tanto a homossexualidade quanto a infidelidade, o casamento sem consentimento dos pais ou a bestialidade. Na ordem civil como na ordem religiosa o que se levava em conta era um ilegalismo global. Sem dúvida, o "contra-a-natureza" era marcado por uma abominação particular. (FOUCAULT, 1988, p. 38-39).

Esta característica ainda pode ser encontrada nos dias atuais, uma pessoa que não segue os padrões sofre preconceitos dos demais que não aceitam alguém “diferente” no ciclo social. Isto entende-se como heteronormatividade, que é o ato de tentar enquadrar todos em um único modelo social em nome da coletividade. “Heteronormatividade é, pois, um dispositivo totalitário e hegemônico resultante da aplicação compulsória das normas binárias de conduta de gênero a todas as relações estabelecidas entre as pessoas na nossa sociedade”. (LANZ, 2014, p. 41).

No momento em que não acontece essa “padronização”, a comunidade LGBT sofre discriminações, segregações e é estigmatizada. Segundo Goffman (1981), o termo estigma foi criado pelos gregos e servia para marcar aqueles a quem julgavam perigosos ou impuros e que, portanto, deveriam ser “evitados”. Goffman afirma que existem três tipos de estigma: as abominações do corpo, culpas de caráter individual e os estigmas tribais de raça.

Em todos esses exemplos de estigma, entretanto, inclusive aqueles que os gregos tinham em mente, encontram-se as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. (GOFFMAN, 1981, p. 7).

Erving Goffman (1981), afirma que o estigma é uma relação de desvalorização, na qual o indivíduo é desqualificado da aceitação social plena e, ainda, que os estigmas raramente se baseiam em entendimentos válidos. Eles partem de estereótipos ou percepções, que podem ser falsos ou apenas parcialmente corretos.

2.3 A ARTE DRAG NA CONTEMPORANEIDADE

A arte *drag* tem aparecido com muita frequência nas mídias, principalmente nas redes de canais fechados que exibem programas como RuPaul's Drag Race. Depois do êxito desta atração, principalmente na internet, a visibilidade da *drag* ficou cada vez mais evidente. “É inegável o sucesso que o programa vem conseguindo alcançar: é a atração mais assistida do canal LogoTv desde sua primeira temporada; suas participantes fazem turnês mundiais, inclusive pelo Brasil”. (BIONDO & ALBANESE, 2016, p. 2).

Cantoras como Lia Clark, Glória Groove e Pablllo Vittar despontaram para o sucesso. Vittar, é uma das artistas *drags* mais influentes da atualidade, seu reconhecimento por parte do público tomou dimensões grandes e isto culminou em uma parceria com cantores internacionais como o grupo de música eletrônica americana, Major Lazer. Esta parceria resultou na música “Sua Cara”, que também contou com a colaboração da cantora Anitta, outro destaque na cena atual da música pop brasileira. O videoclipe da música foi o quarto vídeo mais visto na plataforma YouTube em um único dia, com mais de 20 milhões de visualizações em 24 horas. (JUNIOR, 2017).

Apesar da sua popularização atual, a *drag* também enfrenta muitos preconceitos e a falta de representatividade, principalmente na área jornalística. Nos programas de tv ou nas notícias de jornais, o mundo LGBT de uma maneira geral sofre constantemente com matérias em que são ridicularizadas ou inseridas de maneira cômica ou agressiva, isto quando aparecem.

Observa-se que as identidades LGBT surgem como particularmente desafiadoras dos modos de falar do jornalismo brasileiro, não apenas por se inscreverem de modo peculiar nos regimes de poder, de luz e sombra, voz e silêncio que constituem a vida social, como por sua diversidade interna. Qualquer abordagem às identidades LGBT tem como pano de fundo as tensões que envolvem, por exemplo, a necessidade de evitar a essencialização e/ou naturalização de realidades cristalizadas, seja a partir de uma concepção biologizante do sexo, seja de concepções de gênero como algo fixo, não cambiante. (LEAL & CARVALHO, 2012, p. 5-6).

A explicação da violência e da discriminação por que passam as *drag queens* está em que, mesmo não sendo, necessariamente, homossexuais, possuem elementos que as ligam ao universo LGBT. Contudo, não existe uma identidade sexual que caracteriza o perfil desses artistas. Podem ser mulheres ou homens heterossexuais ou não, que criam

personagem independentes da sua condição sexual, com a finalidade de apresentar um show divertido e original porque a arte *drag* situa-se acima dessas definições, situa no campo da liberdade de expressão. É claro que esse aspecto da violência poderia, em parte, ser atenuado se os meios de comunicação exercessem a sua função social, educando e orientando as pessoas, pois atitudes hostis, de discriminação e de agressividade acontecem, parcialmente, pela ausência de espaços de informação e de denúncia nos meios de comunicação.

Ao veicular os altos números de pessoas LGBT que sofrem violência, incluindo as *drags*, a mídia poderia fazer, paralelamente, abrir espaço enfocando essa discussão. Ainda hoje, a pessoa que decide expressar sua homossexualidade sofre perante os demais. As violências constantes a que o mundo LGBT são expostos não são difíceis de se achar. Uma prova disto, é que quando se digita travesti, por exemplo, no Google ou na parte de busca de jornais online, a maioria das matérias são sobre a violência que alguma travesti sofreu.

Segundo dados do Relatório de Violência Homofóbica no Brasil, realizado em 2013 pela Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos (MMIRDH), os números de violência contra este público impressionam. Além disso, também se percebe quais são os maus-tratos mais frequentes para com a comunidade LGBT.

Pode-se verificar que violências psicológicas foram as mais reportadas, com 40,1% do total, seguidas de discriminação, com 36,4%; e violências físicas, com 14,4%. Também há significativo percentual de negligências (3,6%). Outros tipos de violação correspondem a 5,5%. Esses dados confirmam os de 2012, quando as violações de cunho psicológico e discriminatório também tiveram as maiores porcentagens. Esses dados apontam de modo eloquente para as violências muitas vezes subnotificadas e certamente recorrentes às quais a população LGBT está sistematicamente submetida em seu cotidiano. (SECRETARIA ESPECIAL DE DIREITOS, 2016, p. 23).

Apesar destes fatos, a *drag* continua popularizando-se e expandindo-se entre outros públicos. As *drag* queens realizadas por mulheres estão em alta no momento. É possível ver isto no documentário *They Can Do It*, onde mostra as histórias de mulheres que são admiradoras e praticantes da arte *drag*. As personagens dividem suas experiências e contam que foram inspiradas em filmes e principalmente pelo programa RuPaul's Drag Race. Elas relatam durante documentário principalmente sobre o preconceito que as mulheres enfrentam ao praticar o *drag*. Kelviane Lima, uma das produtoras do

documentário, explica que o preconceito com o *drag* feminino ocorre porque esta arte surgiu com os homens que se vestiam e se expressavam com trejeitos femininos. Porém, a entrevistada relata também que é um erro dizer que *Dag* não pode ser realizado por uma mulher, pois esta arte não se refere apenas a feminilidade, mas também a uma forma livre de expressão. (CRUZ, 2017).

3 O JORNALISMO E A SOCIEDADE

O surgimento do jornalismo foi um fato social de grande relevância e falar sobre ele é de primordial importância para o entendimento do processo de construção social por meio da produção midiática e que, na sua trajetória, passou por diversas transformações. O próprio estudo da gênese da imprensa é necessário, uma vez que pode oferecer explicações sobre o período em que a sociedade passou a sentir a necessidade de se comunicar para públicos cada vez maiores. Essa necessidade está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento das tecnologias e do comportamento da sociedade. O papel do jornalista também se tornou uma necessidade no momento em que se criou a noção de que era preciso uma figura que fosse capaz de captar, disseminar e muitas vezes, traduzir as informações que surgiam.

Enquanto a modernidade econômica engendrou o empreendedor burguês - personagem mítico cujo o desenvolvimento pleno ocorreu principalmente no século 18 - e a modernidade política assistiu à vitória das democracias republicanas e seus múltiplos políticos disputando cadeiras nos parlamentos, a modernidade dos direitos sociais e humanos viu nascer no seu seio a figura do jornalista. (MARCONDES FILHO, 2000, p. 9).

A história do jornalismo está intimamente ligada à Revolução Francesa, pois esta foi a “revolução símbolo” da destituição da aristocracia, do fim das monarquias e de todo o sistema absolutista herdado da Idade Média, assim como da afirmação do espírito burguês. (MARCONDES FILHO, 2000). Para o autor, este também foi um momento crucial no jornalismo, pois acontece a quebra da autonomia da igreja sobre o conhecimento, ou seja, sobre livros, pesquisas e documentos, que antes ficavam a disposição apenas da instituição religiosa.

O jornalismo passou por muitas mudanças em seus processos de produção e na sua própria forma de ser. Aos poucos, ramificações suas foram criadas (como o jornalismo literário, esportivo, ambiental e o jornalismo cultural), estas outras

denominações surgiram de forma que fosse capaz de organizar e dinamizar as notícias jornalísticas.

O jornalismo cultural é aquele tipo que fala propriamente sobre música, obras de arte, teatro, entre outros. O objetivo principal deste tipo de jornalismo é divulgar informações que possuem foco em questões culturais, folclóricas e muitas vezes, históricas também. Segundo o autor Daniel Piza o jornalismo cultural não tem uma “data de seu nascimento”, porém, é no ano de 1711 que os ingleses Richard Steele e Joseph Addison criaram a *The Spectator*, uma revista diária que seria um marco na história do jornalismo cultural. Para os autores, a ideia principal da revista era “tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembleias, casas de chá e cafés”. Alguns dos assuntos abordados pelo impresso eram livros, festivais de música, costumes, entre outros. O jornalismo cultural tem a capacidade de criar tendências e de segui-las também. Ele acompanha a maneira que a sociedade se comporta e assim, publica matérias de acordo com isto. Entretanto, é necessário que ocorra uma certa dosagem, afinal o jornalismo cultural deve ser capaz de criar matérias que causam reflexões em seus leitores e não apenas mostrar algo que já é conhecido pelos mesmos.

Não que não seja possível uma coabitação equilibrada e fértil, mas o jornalismo cultural sai perdendo quando os critérios passam a ser resumidos ao de afastar o leitor de abordagens que considera erroneamente “muito sérias” ou críticas”. (PIZA, 2010, p. 56).

Ou seja, o autor explica que alguns assuntos, como por exemplo moda e culinária, são conteúdos que se classificam como cultural, porém, ao se focar excessivamente apenas em temas como estes, que são mais importantes para a “indústria do entretenimento”, acaba que se ocupa lugar de outros assuntos que seriam interessantes para a população. No caso em questão, este espaço que é utilizado por notícias de interesse comum, ocupa tempo e lugar de uma discussão sobre preconceito ou representatividade do *drag*, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível observar que a arte *drag* luta dia-a-dia para obter o seu lugar de aceitação por entre as pessoas, e que os meios de comunicação como a internet, são parte

importante na busca deste espaço. O programa de tv em um canal fechado chamado RuPaul's Drag Race , foi para muitas pessoas, um primeiro contato com a arte do *drag* e a partir daí, houve um facilitamento e popularização desta expressão artística. Outra questão que auxiliou na atual exposição do *drag* foi a música, artistas já citadas neste trabalho como a Pablla Vittar e Glória Groove são referências como cantoras *drags*. Entretanto, o que se pode afirmar é que o *drag*, apesar de sua visibilidade, ainda não é tão bem representado em outros meios de comunicação e principalmente no jornalismo, algo que deve ser revisto para acompanhar as mudanças em nosso tempo.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Maria Nazareth Alvim. **As deusas, as bruxas e a Igreja**. São Paulo: Saraiva, 2001.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- BIONDO, Fabiana Poças; ALBANESE, Bruno Cuter. **Glamazon, Sissy That Walk: Performances de Drag Queen dicionarizadas**. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/MtfTRA>. Acesso em: 28/09/2017.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. Disponível em: <https://goo.gl/gMzBbW>. Acesso em: 29/09/2017.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CRETAZ, Livia. **Cultura homossexual: principais movimentos e representações nas telenovelas**. ESPM, SP: 2014. Disponível em: <https://goo.gl/HhMMtD>. Acesso em: 26/09/2017.
- CRUZ, Felipe Branco. **Documentário aborda preconceito contra mulheres drag queens em São Paulo**. São Paulo, 24/04/2017. Site UOL. Disponível em: <https://goo.gl/s3Vxbv>. Acesso em: 25/09/2017.
- FOUCAULT, Michel. **História Da Sexualidade: A Vontade De Saber**. 13ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988. 149 p. Disponível em: <https://goo.gl/VQL7xd>. Acesso em: 29/09/2017.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4 ed. LTC, 1981. Disponível em: <https://goo.gl/G4WeNh>. Acesso em: 29/09/2017.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: ed. Perspectiva, 1999.
- JAYME, Juliana Gonzaga. **Travestis, Transformistas, Drag-Queens, Transexuais: Pensando A Construção De Gêneros E Identidades Na Sociedade Contemporânea**. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, MG: 2002. Disponível em: <https://goo.gl/fGCV97>. Acesso em: 19/09/2017.
- JUNIOR, JACÍDIO. **Clipe de "Sua Cara" bate recorde de visualizações no YouTube em 24 horas**. 02/08/2017. Site UOL. Disponível em: <https://goo.gl/fb6F7J>. Acesso em: 28/09/2017.

LANZ, Letícia. **O Corpo Da Roupa: A pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero.** 334 p. Universidade Federal Do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/UUzwNq>. Acesso em: 28/09/2017.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto. **A Grande Mídia Brasileira E Identidades Lgbt: Um retrato em 2008.** Disponível em: <https://goo.gl/skMB8F>. Acesso em: 28/09/2017.

LOPES, Fábio Henrique. **Travestilidades e ditadura civil-militar brasileira: Apontamentos de uma pesquisa.** Revista Esboços, Florianópolis, v. 23, n. 35, p. 145-167, set. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/DVZUht>. Acesso em: 25/09/2017.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação E Jornalismo: A saga dos Cães perdidos.** São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MONTEIRO, Maria Helena; SOARES, Thiago. **“You Must Be My Lucky Star”:** A Relevância da cantora Madonna na Gestão de Carreiras da Música Pop. 15 p. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB: 2013. Disponível em: <https://goo.gl/nK5o5N>. Acesso em: 19/09/2017.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural.** 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SANTOS, Andressa; GASPARETO, Ana Clara; REIS, Jeniffer; PAES, Marcela Freitas; CORDEIRO, Natália; FERREZINI, Vitor; GARCIA, Wanderley Florêncio. **Identidade Drag: a representação jornalística de minorias em uma plataforma multimidiática.** 15 p. Universidade Metodista de Piracicaba, SP: 2017. Disponível em: <https://goo.gl/BK93Wo>. Acesso em: 20/09/2017.

SECRETARIA ESPECIAL DE DIREITOS HUMANOS. **Relatório de Violência Homofóbica no Brasil:** ano 2013. Brasília. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/kSCKR8>. Acesso em: 28/09/2017.